



N. PINA VIANA

# O Mensageiro

JORNAL ACADÉMICO DO LICEU DE D. MANUEL II

(Ao abrigo do Art. 445 do Decreto 36.508)

Dezembro de 1954

Preço 1\$50

Ano III, n.º 15



## Almeida Garrett



excepcional cabeça tinha o nimbo perigoso e assombroso do génio.

Foi realmente um artista completo, um génio e um precursor. Poesia, teatro, romance, oratória, jornalismo, pedagogia, viagens, etc., tudo ele cultivou sem desmerecimento e com competência.

Todavia Garrett é sobretudo e acima de tudo dramaturgo. É esta a vocação que de muito novo nele desperta, o atrai e lhe ocupa o espírito. É no drama e pelo drama que o seu nome se há-de tornar mais conhecido e discutido. Garrett, como diz Gaspar Simões, «por temperamento e feitio mental era de facto um homem de palco». «A teatralidade estava-lhe no sangue». *Frei Luís de Sousa* é a prova apodítica deste pendor natural e a efectivação mais genial dos mais belos sonhos e anseios de sua vida. O teatro era de facto a sua paixão.

Com efeito, no prefácio do drama «Atala», assim escreve: «Todos nós temos os nossos preconceitos, as nossas manias e em consequência vemos todas as coisas por elas, e as olhamos e estimamos pelo lado, por que lisonjeiam mais. Tudo referimos a um ponto, tudo quiséramos que viesse a ele, que é o foco, o centro da nossa paixão dominante. O meu foi sempre o do teatro: qualquer acção por pouco trágica, qualquer facto por pouco ridículo que fosse, me suscitavam sempre a ideia de uma tragédia ou de uma comédia». Qual não terá sido a consolação íntima e que nobre orgulho não terá Garrett experimentado quando, ao acabar de ler o seu original a A. Herculano, em casa de quem se tinha recolhido, vítima de uma canelada, este lhes dissera: *Abençoada canelada*. Esta expressão banal de aparência, é uma crítica, um aplauso, um incitamento e um parabém. Que admirável e genial teria de ser a obra para arrancar da boca do autor do «Bobo» este elogio sincero, embora em tom de facécia. É que ali naquela alma estava, como observa Rebelo da Silva, a tragédia moderna. Era o homem no palco da vida, actuando numa naturalidade impressionante e comovedora. Todos os sentimentos humanos, todas as virtudes como em caleidoscópio perpassam nesta obra, penetram-nos, comovem-nos alegram-nos, criam em nós situações patéticas e obrigam-nos a ver no *Frei Luís de Sousa* algo do nosso mundo, uma tela arrancada à galeria da nossa vida.

Enquadrada nas celebrações do centenário da morte de Garrett, inaugurou-se há dias na Biblioteca Municipal do Porto uma exposição Garrethiana.

Ao visitá-la, ocorreu-me à memória aquele dito de Herculano, na livraria Bertrand, depois de ter lido umas provas tipográficas que ocasionalmente se encontravam sobre o balcão: *Aquele diabo não pode com o talento que Deus lhe deu*.

Garrett é sem dúvida um homem invulgar, daqueles que a humanidade apenas de espaços a espaços conhece, cuja influência domina uma geração e cujo talento deslumbra a posteridade. Estes homens têm a periodicidade dos cometas e como eles deixam após a sua passagem um rastro luminoso no firmamento da humanidade.

Aos seus contemporâneos, num reconhecimento que sempre é difícil, mereceu Garrett ser chamado «O DIVINO». É que a este escritor de figura asseada, de porte elegante, de maneiras finas, de trato impecável, o verdadeiro «gentleman» coroado por uma

(Continua na pág. 10)



# Noticiário

Secção dirigida por:

ARANHA, Pizarro, Ribeiro dos Santos, M. H. Almeida.

## Sonhos realizáveis

Faz agora um ano que foi lançada a ideia de se realizarem neste liceu sessões culturais para iniciar no espírito dos ouvintes ou observadores o gosto pela música, pela pintura e pelo teatro.

Um grupo de rapazes, com o apoio e incitamento do Sr. Reitor e de vários professores, tentou pô-la em prática, no que foi plenamente coroado de êxito. Realizou-se uma interessante exposição de reproduções de quadros do século XVIII até à actualidade; várias sessões musicais, e, no fim do ano, foi levada à cena uma comédia de Almeida Garrett.

Porque não continuarmos essas sessões durante este ano lectivo? A cultura, nos seus múltiplos aspectos, é basilar na nossa educação. Porque não nos reunimos todos, contribuindo cada um com o seu esforço, para a realização destas interessantes e agradáveis sessões?

Seria altamente vantajoso para nós, hoje rapazes e homens de amanhã, realizarmos várias exposições, como por exemplo: de selos; de fotografias; de reproduções coloridas de vitrais e iluminuras (quem sabe até se valorizado pelas iluminuras de D. Lucas, monge no Mosteiro de Singeverga, notável nesta difícil arte); de reproduções de quadros célebres, pertencentes especialmente às escolas góticas, renascentistas e barrocas; etc. A realização destas exposições é relativamente fácil, visto que o Sr. Reitor, prevendo-as já se empenha na aquisição das armações necessárias para esse fim.

Os nossos sonhos, porém, não se restringem somente ao campo da pintura. No aspecto musical, podíamos igualmente fazer algumas sessões (como por exemplo: uma série de sessões explicativas da História da Música). Se existisse um rádio com «pick-up» (1), e vâ lá, um aparelho de gravar (talvez seja pedir demais, mas quem sabe? com o auxílio de uma subscrição...) tudo estaria resolvido. Pedir-se-ia às instituições oficiais e aos Institutos Francês e Inglês o empréstimo de discos e de excelentes reproduções de quadros célebres, quer nacionais, quer estrangeiros, o que certamente fariam com todo o gosto. Mesmo antes que o liceu disponha de meios técnicos, estas sessões são realizáveis, como ficou demonstrado no passado ano lectivo.

A fim de completar este ciclo de realizações culturais académicas em perspectiva, talvez fosse interessante realizar uma representação cénica. Especialmente os finalistas devem estar interessados em levá-la avante. Para isso, é de aconselhar que principiemos desde já a ensaiar, porque, depois vem o exame... as cólicas e não há tempo para ensaiar (o pouco que há

## Filatelia

(início do novo ano)

É com o mais vivo prazer que saudamos todos os nossos leitores no início deste nosso novo ano de actividade. A todos pedimos colaboração e auxílio no que diz respeito à atenção que dispensam à nossa secção, a fim de vos podermos aguardar com os nossos artigos. Últimamente tem-se manifestado uma tendência para acabar esta secção: fazemos votos para que tal não aconteça.

A todos os que por meio de correspondência com fim informativo, revistas, etc. têm mantido contacto e que são, nomeadamente:

- Administração dos Correios e Telefones
- Redal de Ouro (Edições de Ouro)
- Clube Filatélico de Portugal
- Federação Portuguesa de Filatelia (criada em: 18 de Junho do corrente ano)
- Serviços Informativos da I Exposição Filatélica de Leiria

a todos manifestamos o nosso mais profundo reconhecimento.

De futuro procuraremos, se se não publicar esta secção em todos os números, por o menos esforçarmonos por tornar mais interessante e menos maçuda.

É nosso desejo realizar uma exposição Filatélica neste Liceu; nada prometemos, mas faremos o possível por tornar isto realidade. Procurai-nos a dar sugestões nesse sentido.

Carlos Campos Morais

é para estudar!)... e vai tudo por «água abaixo» ou sai improvisado.

Colegas e amigos: está em grande parte dependente de vós a realização de tudo o que acima me referi.

Se contribuídes com o vosso esforço, e com a vossa força de vontade, aquilo que hoje não passa de um sonho, amanhã será realidade.

Espero confiante no bom senso e na curiosidade intelectual de todos!

Sequeira Braga

(1) Soube, com este artigo já na tipografia, que se estão criando comissões de organização e que não falta quem empreste pick-up, discos, albuns, etc. Procurai-nos, dai sugestões, ajudai!

## O Mensageiro

Professor orientador: DR. ÓSCAR LOPES

### CORPO ADMINISTRATIVO

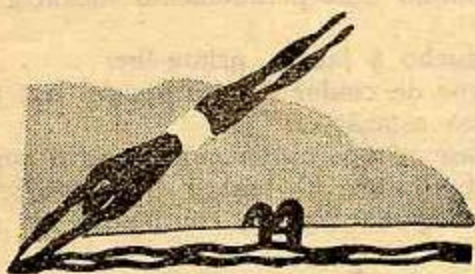
Samuel Brito (centralizador)  
Aloísio Lobo (centralizador)  
Sarsfield Cabral  
Rodrigo Pizarro

Xavier Pacheco  
Carlos Morais  
Mota Freitas (tesoureiro)  
Manuel Santos (aj. de tesoureiro)



# Desportos

Secção dirigida por:  
FALCÃO, Madureira, Bragança



## Natação

A Natação, que cá pelo Norte, e mesmo em todo o País, anda muito por baixo, é um desporto completo, direi mesmo, o mais completo.

Na sua prática, que obriga a uma vida ao ar livre, e portanto uma vida sã, todos os músculos entram em acção, num esforço bem repartido e contínuo.

Aqueles que a praticam como desporto de competição, é necessário treino contínuo e ginástica apropriada, pois só assim se pode conseguir uma boa forma.

Ao que parece, a natação, que no princípio tinha um fim exclusivamente prático, remota à origem do nome.

Kirk Aurelon no seu livro «How to teach Swimming and Diving» refere-se às pesquisas arqueológicas de E. Dundap que diz que a natação já era praticada 3.000 Anos A. C. pelos Gregos.

Contudo, como desporto, a natação só no século XIX começou a despertar interesse.

O primeiro estilo empregue em competições foi o braços clássico, que nesse tempo era comum a todas as provas.

Depois com o aparecimento do «trundgeon», exibido pela primeira vez por um nadador do mesmo nome, em 1869 ou 70, estilo que antes do aparecimento

do crawl era considerado como o mais rápido, sendo ainda hoje empregue em provas de fundo (este é o estilo empregue por Batista Pereira nas suas provas), as competições passaram a dividir-se em provas de braços, nado livre e costas.

Quando, em 1902, Sick Cavill, imitando o estilo dos nadadores de Ceilão, assombrou o mundo com a proeza então extraordinária, de percorrer as 100 jardas em 58 s.  $\frac{1}{5}$ , nasceu, para o desporto, o crawl australiano.

Mais tarde, os Americanos, introduzindo-lhe algumas modificações, tornaram-no o mais veloz e perfeito dos estilos, passando a ser empregue em todas as provas de velocidade de nado livre, e creditando-se também como eficiente nas provas de grande fundo como o alemão Gertru de Ederle na travessia do Canal da Mancha.

Seria fastidioso enumerar todos os campeões e todos os récordes mundiais desde Dick Cavill, bastando apenas dizer que o aperfeiçoamento do crawl foi tão grande que hoje o récorde dos 100 metros e das 100 jardas, pertence a John Ford, ex-aluno da Universidade Americana de Yale, é de 43 s. para as 100 jardas e 54 s. para os 100 metros.

Mais recentemente, um novo estilo apareceu, a mariposa, espectacular, mas exaustivo, usado apenas em provas curtas.

Alfredo Bragança

**Porto Editora Limitada**

Praça D. Filipa de Lencastre, 42  
PORTO

★

★

---

**Preço 70\$00**

**No seu próprio interesse faça as suas compras na**

PAPELARIA  
Livraria - Tipografia

**Papelaria Queiroz**  
TELEF. 40767

PERFUMARIAS E  
Artigos - Fotográficos

**Rua de Serpa Pinto, 44 - Porto**  
(Junto ao Liceu Carrollina Michaëlis)

---

**SECÇÃO DE VENDA E ALUGUER DE:**

Artigos para cinema de Amadores, Discos - Amplificações  
Sonoras e aparelhos de T. S. F.

**Brindes a todos os compradores dum mínimo de 5\$00**

Nota: Todos os estudantes portadores deste anúncio que fizerem as suas compras até ao fim do mês de Janeiro (próximo-futuro), além dos brindes normais, têm desconto nas compras que efectuarem na

**Papelaria Queiroz**



# Picção

Secção dirigida por:  
GARCIA LOPES, Cipião, Margarida, M. Fernanda, M. Aurora  
M. T. Teixeira, Odete Lulsa, Arnaldo Almeida

## Aconteceu numa viagem

O relógio da estação marcava precisamente oito horas e cinquenta minutos da tarde, quando um homenzinho de cara de macaco deu um grito...

— Mais depressa! — exclamou para o carregador que empurrava um carrinho cheio de malas e pacotes exquisitos. Depois, agitando uns longos braços, acrescentou: — Despache isso depressa! O comboio vai partir! Rápido, homem!

Minutos mais tarde caminhava pela plataforma. De repente, virou-se com as feições contraídas angustiosamente, e voltou a correr para a saída da estação, exclamando:

Deus meu! Esqueci-me do meu amigo! Oh!, meu Deus, que desgraça!

A plataforma ia ficando vazia. Um forte jacto de vapor silvou entre as rodas da potente máquina. O expresso ia partir. De súbito reapareceu o homenzinho, trazendo apoiado no braço um individuo completamente vestido de preto. Finalmente, entraram numa carruagem, e o homenzinho de cara de macaco tagarelou, virando-se para o público:

— Até que enfim! Por pouco, meu amigo, por pouco não perdemos o comboio. Bem, sente-se aí nesse banco e não fale com ninguém, entendeu? Interrompeu-se para tomar fôlego, e recomeçou imediatamente: — Mas... que ideia foi essa de se vestir todo de preto? Que trajos fúnebres!

— Que tem com isso? — resmungou o outro.

— Calma, rapaz, não precisa de ficar zangado, e...

— Vá, chega de conversas idiotas... Vá comprar jornais para que eu possa ler na viagem — continuou a resmungar o cavalheiro de preto, com uma voz um tanto ou quanto rouca.

— Mas, interrompeu o outro, já não devo ter tempo.

— Ponha-se a mexer depressa seu imbecil — gritou o de preto com voz colérica.

— Está bem, já vou! — concordou o amigo, enterrando-lhe o chapéu até às orelhas, e saltando em seguida para a plataforma.

A um canto do compartimento o senhor Marques assistia vivamente interessado ao que acabámos de relatar.

Com um sorriso na face gorducha, observou com simpatia ao companheiro de viagem:

— Aquele senhor é muito seu amigo, não é? É seu irmão. — indagou por fim, sem poder resistir por mais tempo aos seus desejos de entabular conversa...

Não houve resposta. O individuo continuou encolhido no canto, boné até às orelhas, inteiramente alheio à gentileza do senhor Marques. Este tentou descobrir as feições do companheiro de viagem, mas a lâmpada do compartimento, devido à pouca luz que dava, não auxiliava.

A máquina apitou e o comboio pôs-se em marcha.

— Senhor, o seu amigo vai perder o comboio — gritou o amável senhor Marques.

O individuo do chapéu até às orelhas, continuou, porém, imóvel. Não se conformando com esse silêncio o gorducho repetiu:

— O seu amigo! Ele...

Abriu a janela e olhou para fora ansioso. Viu

o homenzinho tentando desesperadamente alcançar o comboio.

Ao ver o gorducho à janela, gritou-lhe:

— Faça o favor de cuidar do seu amigo. Irei ter com ele na primeira estação...

O resto da frase perdeu-se na noite, pois o comboio afastava-se da gare. O senhor Marques sentou-se e olhou o companheiro, que continuava em silêncio.

Contrafeito com semelhante mutismo, o gorducho ofereceu:

— Aceita um cigarro?

Como não obtivesse resposta, insistiu:

— Desculpe, mas... sente-se mal?

Nada! O senhor Marques mexeu-se na cadeira e tentou prender a atenção na noite que se desenhava no quadrilátero da janela.

Mas logo, nervoso, se dirigiu ao companheiro:

— O senhor desculpe! Não precisa de nada? Quer algum remédio? Parece que está doente! Estou às suas ordens...

O fúnebre individuo não deu resposta. O rosto do senhor Marques ficou vermelho e não pode evitar uma praga que se lhe escapou por entre os dentes, contraídos pela irritação. O outro não se alterou.

O Marques reflectiu um pouco e depois, inclinando-se, perguntou baixinho:

— O sr. está a dormir?

Silêncio. Sufocado pela raiva, pois descobrira que o homem tinha uma espécie de sorriso irónico nos lábios, Marques exclamou:

— Seu... Seu... está a brincar, não é? Está a divertir-se à minha custa? Responda, vamos. Não ouve, seu imbecil?

O cavalheiro de negro nem se mexeu.

Marques, cego pela cólera, não conseguiu evitar que o seu punho, poderoso instrumento vingador do amor-próprio ofendido, atingisse em cheio a cara do viajante. Este, encolheu-se mais no seu canto, ao impacto recebido, mas não fez o mínimo gesto. O agressor, livido e assustadíssimo, inclinou-se para a sua vítima:

— Meu amigo... responda... magoei-o muito? Pedoe-me... não o queria ferir... Responda, pelo amor de Deus!

Silêncio. Por muito tempo, o roliço agressor se manteve de pé, gelado, oscilando com o movimento do comboio. Depois apalpou o peito do homem e quedou-se petrificado! O coração não batia.

O sr. Marques controlou-se com dificuldade e pôs-lhe o corpo em posição normal. Pensou se conviria mudar de carruagem, mas concluiu que nem mesmo assim escaparia à justiça, pois o amigo do morto reconhece-lo-ia imediatamente. Durante uma hora ficou esmagado pelo temor, a contemplar estúpidamente e com os olhos muito abertos o corpo imóvel diante dele, sem saber que decisão tomar. Por fim o comboio abrandou e dentro em pouco parava.

Através das janelas viam-se as luzes duma grande estação. Aparvalhado, angustiado, aterrorizado o senhor Marques só voltou a si quando a porta do compartimento se abriu súbitamente, e mostrou o rosto do homenzinho da cara de macaco.

O gorducho viu-o. Era o fim! A prisão! A morte! De joelhos diante do companheiro do morto choramingou:

(Continua na pág. 10)





# Página dos mais novos

Secção dirigida por:

M. H. Baptista, Olga, M. H. Nogueira, M. Adelaide,  
JOSÉ FERNANDES, Mota.

São especialmente para vocês estas palavras. Como sabem, «O Mensageiro» é o nosso jornal e, para que, de facto, lhe possamos chamar nosso é preciso que todos o ajudemos, não só auxiliando-o materialmente, mas também prestando-lhe a nossa colaboração.

Para isso é que este ano se continua esta página que, por vos ser especialmente dedicada, necessita, mais que qualquer outra, da vossa preciosa ajuda.

Certamente entre vocês há muitos que com facilidade poderão escrever artigos que, pelo seu interesse a todos possam agradar. Além disso, aqueles que, pela sua originalidade, se venham a destacar serão distinguidos com prémios que, para esse fim, já foram instituídos.

Metam, pois, mão à obra!

Qual de vocês não terá assunto de sobra para fazer qualquer género de trabalho para publicar? Nenhum, por certo!

Aquele belo e agradável passeio dado nas férias, talvez sirva de tema... Pois então, porque é que não havemos de tentar? E, como este, muitos outros assuntos que, além de vos divertir, darão aos nossos leitores ocasião de apreciar as vossas qualidades de pequenos escritores.

A sugestão aqui fica. Ao trabalho, pois! E cá ficamos esperando muitas produções, que talvez sejam os primeiros passos de uma carreira literária...

Maria Adelaide Morais e José Fernandes

## Papelarias Araújo & Sobrinho, Sucrs.

Sede: Largo de S. Domingos, 50

Filiais:

R. Santa Catarina, 101 — R. dos Clérigos, 33

**PORTO**

Grande sortido de canetas de tinta permanente, desde 5\$00

## Adivinhas

I

A mãe a crescer  
O pai a mingar  
As filhas a correr...

Solução:

mãe — a meia  
pai — o novelo  
filhas — as agulhas

II

Qual é o animalzinho que trás a sua casa às costas?

Solução:

Caracol

III

Que é que é  
Uma caixinha  
Redondinha  
Que pode rebolar:  
Todos a podem abrir  
Ninguém a pode fechar?

Solução:

Ovo.

César Augusto Luz



Secção dirigida por:

M. T. Sousa Vieira, M. Cândida, M. Florinda, SEQUEIRA BR



## O Progresso

Vivemos numa época em que se usa muito a palavra «Progresso».

Progresso, na sua acepção mais geral, significa uma evolução no sentido de tornar melhor.

Portanto, quando afirmamos que esta ou aquela invenção contribuiu para o Progresso da humanidade, deverá entender-se que a humanidade melhorou em relação ao que era antes de existir essa invenção.

Mas será realmente assim?

Sim, sob o ponto de vista científico ou técnico a humanidade melhorou.

Encarando, porém, a questão pelo lado intelectual e moral, a resposta será, na maioria dos casos, um não.

Aumentam as comodidades, mas comodidade não é sinónimo de felicidade.

O progresso das técnicas, que são o aspecto mais adiantado da nossa civilização, se por um lado trouxe condições de vida material que podemos classificar de excelentes, produziu e produz uma acção nefasta no valor moral e mental dos indivíduos.

O homem moderno é um degenerado, porque não se ajusta ao meio em que vive, produto, em grande parte, dos triunfos da ciência aplicada à técnica.

Num mundo tecnocratizado e burocratizado vale-se pelas funções que se exercem, e não por aquilo que realmente se é. Alguém disse que, na hora presente, os «cidadãos» tendem a substituir os homens. Quando estes são reduzidos ao social, ao automático, perdem a sua dignidade de seres humanos e pensantes.

A sociedade, organizada à semelhança de uma máquina, é incapaz de criar espírito, quando não o nega, e, exactamente por ser regido pelas leis da máquina, torna-se irresponsável por aquilo que faz. Sacrifica o homem vivo ao plano, à abstracção.

O pequeno grupo foi substituído pela multidão acéfala. O hábito de pensar e produzir em comum destruiu a personalidade individual.

Enquanto que a unidade de cada indivíduo e de cada caso particular aumenta, a sociedade técnica pretende generalizar tudo.

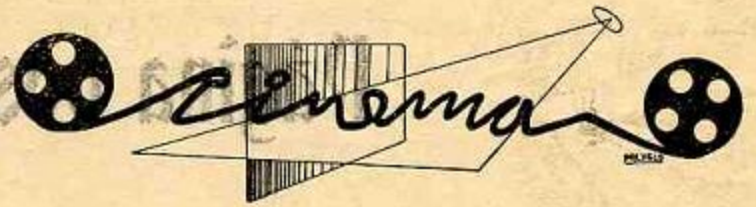
Mas, então, quererá isto dizer que o Progresso é uma palavra vã, e que a Ciência e os seus génios são os responsáveis pelo estado actual das coisas?

De maneira nenhuma.

A Ciência, entendida como meio de uma melhor compreensão do universo, é absolutamente justificável e necessária.

Porém, a Ciência deu origem à Técnica, e esta, tornando-se a si própria por fim, e não conhecendo os seres a que se destina, é uma aberração que afecta profundamente a civilização contemporânea.

Francisco Sarsfield Cabral



## Sessões cinematográficas no Liceu

Abeiramo-nos do Sr. Dr. Joaquim Lopes para nos informarmos do que havia acerca da realização de futuras sessões cinematográficas neste Liceu.

Gentilmente, o Sr. Doutor pôs-se à nossa disposição e obtivemos as informações que passamos a transcrever:

O nosso centro escolar da Mocidade Portuguesa já adquiriu um esplêndido aparelho de projecção, sonoro, de 16 mm. da marca Bell & Howell, e um écran festas, pronto a receber as primeiras imagens, já em festas, e que está pronto a receber as primeiras imagens Janeiro.

Para a aquisição deste aparelho muito contribuíram o esforço e boa vontade, postos em tal iniciativa, pelos Sr. Reitor deste liceu, Sr. Dr. António Guerreiros, pelo sub-director do Centro Escolar n.º 7, Dr. António Figueiredo Rosas, pelo Dr. Óscar Lopes, que com o seu desvelado interesse tantas iniciativas tem acarinhado, e ainda pelo Sr. Dr. Joaquim Lopes, que tem dado todo o seu apoio a esta ideia.

Assim, dentro de breve intervalo de tempo, teremos no liceu a primeira sessão, que será completamente preenchida por filmes culturais de interesse geral, e desportivos.

A esta, outras sessões se seguirão, possivelmente duas sessões mensais, que terão lugar aos sábados, segundo está estabelecido, e que poderão ser vistas por todos os alunos deste liceu, divididos em duas séries, para o que se efectuarão duas sessões.

Estas sessões, se nós as acarinharmos, procurarão no futuro, ser de altíssimo interesse, como complemento da nossa cultura, e como elemento recreativo.

Sobre a tela, que já se encontra no salão de festas, projectar-se-ão filmes culturais, desportivos, científicos, documentários e provavelmente filmes de ficção.

Algumas destas sessões serão precedidas de palestras ou explicações acerca do assunto dos filmes, que serão dadas por senhores professores ou feitas por alunos.

Entre os filmes que se projectarão, estarão alguns fornecidos pelas embaixadas Francesa e Britânica, Shell Portuguesa, Ministério da Agricultura e entidades particulares.

É do interesse com que nós seguirmos e acalentarmos esta iniciativa, caros colegas, que depende o alcance de acontecimentos de mais interesse e projecção.

Francisco Pacheco e Alexandre Alves Costa



Carlos Morais, Sarsfield Cabral, Alves Costa, Xavier Pacheco

ALCÍO LOBO, Weidmann, Mario Domit, Paulo Vilas Boas



Impressões de Belmira

# A Arte do Conto



## I

Quando aceitamos uma arte do romance, ou da poesia, somos levados a crer que exista, igualmente, uma arte do conto.

Simplesmente «fazer contos», isto é, saber descrever «casos da vida» com uma certa perfeição e clareza, é algo mais difícil, segundo penso, do que «fazer poesia» ou romance. Por outras palavras: a arte do conto apresenta um aspecto de superior dificuldade em relação às outras modalidades «artístico-literárias», que são, respectivamente, as que acima me referi: poesia e romance.

Analisemos essa dificuldade relativa. Antes de tudo não podemos deixar de admitir um elemento comum: a intuição doseada com um certo gosto literário. Ampliando o nosso raciocínio para além dessa «intuição-base», concebemos que, enquanto um poeta num soneto «traduz um estado de alma, desenraizado das circunstâncias concretas que esse amor deve ter revestido na existência desse mesmo poeta», o contista, num conto feito com coerência, vê-se na necessidade de desenvolver o estudo psicológico de várias personagens, com temperamentos díspares; estudo esse que deve revestir-se de um aspecto sintético e realista. Esta descrição psicológica das personagens, com uma identidade humana, não é fácil e requer um grande número de conhecimentos do humano. Um poeta é um idealista, um sentimental; um contista é um prescrutador-idealista de almas.

Em relação ao romance a dificuldade de «fazer contos» é ainda mais flagrante: no primeiro, o escritor tem ao seu lado o elemento tempo, não como espaço, mas como «continuidade emocional» — («a história é contada pelo tempo, enquanto no conto deve fazer viver a história num tempo muito mais reduzido. Em suma: no romance, o escritor é analítico e depois sintético, contrabalançando ambas as operações; no conto, a síntese predomina sobre a análise.

## II

Atrás considere a existência da arte do conto. A arte, em geral, tem na base um conjunto de directrizes que nos permitem a distinção entre o que se

pode considerar a arte e negação da mesma. Logo o conto possui as suas leis próprias que não sendo nem autoritárias, nem únicas, pelo menos orientam o escritor nos primeiros passos da sua carreira.

Não sendo eu o indivíduo mais indicado para enunciar quais as directrizes e qualidades dum «conto-perfeito», dentro da arte de contar, limito-me a transcrever as palavras de Somerset Maugham, notável romancista e contista da era moderna: «um escritor não tem lugar num conto, para descrever e desenvolver as personagens, podendo apenas salientar os principais traços que lhes dão vida, e tornar assim plausível a história». À maneira duma das escolas pictóricas aqui uma mancha, acolá uma pincelada, para nos dar uma visão do todo, mas uma visão imprecisa e ao mesmo tempo forte, salientando os claros e escuros.

Outra característica interessante nos contos de Somerset Maugham é a sua preferência pelo tipo popular excêntrico sobre o tipo intelectualizado. Ele próprio o afirma, referindo-se a esse género de indivíduos: «são mais frequentemente eles próprios. Não tiveram necessidade de inventar uma figura que protegesse do mundo ou os impressionasse. As suas idiossincrasias tiveram mais facilidade em desenvolver-se no círculo limitado da sua actividade, e, visto nunca terem estado expostos ao público, nunca lhes ocorreu que tivessem alguma coisa a esconder».

Não foi esta, porém, a única interpretação das directrizes que se devem seguir para se realizar um conto-perfeito». Outro escritor, de nomeada, analisando tão debatido problema, era de opinião que o ponto de focagem num conto devia ser a construção da personagem central, e que os acidentes deviam ser apenas imaginados para lhe assinalar personalidade. Contudo, este mesmo escritor caiu em contradição, ao considerar as parábolas como os contos por excelência, precisamente porque em qualquer das parábolas da Bíblia não existe uma personalidade central em volta do qual tudo gira. Além disso, num conto deve existir «o seu quê» de choque entre os temperamentos das personagens e as situações em que elas se encontram, constituindo a «intriga», característica fundamental dum conto.

## III

Para finalizar, não posso deixar de concluir: a arte do conto é difícil.



# Impressões de Leitura



## Fernão de Magalhães

de Stefan Zweig

por Aloísio Lobo

Temos na nossa frente o curioso trabalho de Stefan Zweig, «Fernão de Magalhães».

É curiosa, de facto, esta obra, onde o autor revela uma excepcional justeza na apreciação dos factos, um espírito incisivo muito próprio, repetindo proveitosamente a mesma ideia (sem tornar monótona a descrição), para que aquela fique bem gravada no leitor.

Sempre que o deseja, Zweig prende, dum modo admirável a nossa atenção, fazendo acompanhar a leitura duma espécie de raciocínio. Note-se a frase: «E se este Oceano, que, por vezes, na fúria dos vagalhões vindos do Oeste arroja à costa de Portugal bocados de madeira esquisita, estrangeira (de alguma parte há-de vir esta madeira), se este Oceano não fosse sem fim, antes conduzisse a novas e desconhecidas terras?» Zweig consegue manter sempre o leitor numa grande expectativa, o que é difícil num livro deste género. É o caso do ambiente em que prepara e descreve a revolta contra Magalhães. Tem descrições longas e minuciosas, mas consegue, duma maneira invulgar, não as tornar nunca áridas.

Quanto a mim, a obra tem um erro literário (não sei se poderei mesmo considerar erro): Zweig procura sempre o estilo rico, a ênfase, e, por vezes, deixa-se cair em alegorias, não digo forçadas, mas talvez pouco espontâneas e até obscuras.

E agora, aquilo que mais me chamou a atenção (guardei-o, de propósito, para o fim).

Zweig parece duvidar, e talvez duvide mesmo, de que os descobrimentos tiveram alguma coisa (alguma coisa, pelo menos), de religioso. Não o nega, mas nas suas afirmações parece transparecer uma grande dúvida. Senão vejamos:

Diz o autor a certo momento:

«A força alada espiritual preside sempre a todas as descobertas e invenções». É mais adiante: Nunca por príncipes e especuladores seria armada uma frota, se não existisse a probabilidade de juros fabulosos, fantásticos, do capital empregado nesta expedição».

Que significa este antagonismo entre o sempre e o nunca. Parece-me exprimir claramente a dúvida já indicada.

Ao mesmo tempo, Zweig considera (e isto duma maneira mais evidente) as primeiras expedições marítimas como simples aventuras, concretizando esta ideia na frase seguinte:

«De repente, surge uma geração de rapazes, com muito mais amor à aventura do que à vida».

No conjunto, a obra é muito curiosa e revela, sobretudo, um intenso trabalho de investigação e estudo.

Secção dirigida por:

ALOÍSIO LOBO, Waldemar, Mário Daniel, Pedro Vilas Boas.



## A maravilhosa viagem de Nils Holgersson

de Selma Lagerlöf

por Mário Daniel

Apesar de nunca ter viajado pelo estrangeiro, e por mais paradoxal que pareça, posso dizer-vos que conheço a Suécia.

E isto porquê? Porque um dia tive a felicidade de ler este livro, que como a viagem, é maravilhoso.

Escrito por Selma Lagerlöf, escritora sueca premiada com o Prémio Nobel, o livro conta-nos a história dum guardador de patos, Nils Holgersson, transformado em pigmeu por um gnomo, em castigo da sua maldade e que, viajando em companhia dum bando de patos, percorre a Suécia.

Selma Lagerlöf consegue, com uma simplicidade que encanta, mostrar-nos as belezas da Suécia, a sua fauna; conta-nos os seus usos, costumes e tradições, e o que mais me impressionou foram as velhas lendas suecas, que nos cativam, talvez pelo seu cunho acentualmente nórdico.

A escritora escreve fluentemente, e a obra apresenta um outro aspecto, de ordem moral, não menos interessante.

Nils Holgersson, vivendo com os patos, torna-se bom e arrepende-se do que havia feito (como consequência do arrependimento, o gnomo transforma-o novamente em homem), e nós, sem dar por isso, dizemos: «Nunca é tarde para reparar o mal feito».

Assim é, e aqui está a grande virtude de Selma Lagerlöf, o fazer-nos pensar.

Portanto, a escritora, ao mesmo tempo que nos apresenta a sua Pátria, tal como ela é, conduz-nos, também, pelo caminho do bem, alcançando plenamente o seu objectivo, dada a maneira como escreve e a simpatia que irradia.

==/=

Enviai para esta secção artigos sobre quaisquer livros que lestes. Nada de acanhamento! Não importa que essas impressões de leitura sejam muito frágeis ou muito discutíveis. O que importa é que sejam sinceras e que permitam uma troca de opiniões dentro da melhor camaradagem.



Secção dirigida por:

VIANA, Esmeraldina, Ventura da Costa, Sousela Brito

*"A Oração - seu poder e efeitos"*

do Dr. Alexis Carrel

por Miguel Sequeira Braga

A nós — homens do Ocidente — a razão parece-nos muito superior à intuição, preferimos grandemente a inteligência ao sentimento. A ciência irradia, ao passo que a religião extingue-se.

«Seguimos Descartes e abandonamos Pascal» (pág. 13).

À atrofia do sentimento religioso no homem dominado pela técnica, é que se deve o desenvolvimento da nossa civilização. Necessitamos, por isso, duma solução para o crucial problema em que nos debatemos: o progresso das técnicas perante a degradação e insuficiência do ser.

A solução, segundo Carrel, reside em orar, em elevarmos a alma até Deus, num acto de amor e humildade. Por ela, encontramos esse Deus, remunerador e bom, que se sacrificou por nós no Calvário.

Contudo, orar não é um simples e maquinal repetir de palavras sem as viver. Orar é agir na íntegra da doutrina cristã, para podermos, por intermédio do exemplo e da acção, levar aos outros:

«Um apaziguamento interior, uma harmonia de actividades nervosas e morais, uma maior resignação perante a pobreza, a calúnia, as canseiras, bem como uma capacidade de suportar, sem enfraquecimento, a perda dos seus, a dor, a doença e a morte» (pág. 31).

Lembremo-nos que «o espírito é ao mesmo tempo razão e sentimento. Temos de amar a beleza da ciência e também a beleza de Deus. É necessário que escutemos Pascal com o mesmo fervor que escutamos Descartes» (pág. 44).

Senão, o caos! E depois...

Carrel peca, porém, em encarar a oração, essencialmente pelo prisma objectivo, palpável e biológico. O acto de orar é algo de transcendente, de místico e subjectivo.

Não deixa, porém, de ter interesse e oportunidade a leitura deste pequeno opúsculo, que, quem sabe, talvez seja a solução para a «vigésima-quinta hora» que se aproxima.

Agradecemos a *O Jornal de Notícias* e à revista *Magnificat* a utilização que gentilmente nos facultaram de várias zincogravuras.

*Um aluno do 2.º ano, fala de**Literatura*

Nunca leram um livro?

Pois se alguns não leram, eu li, e só vos digo que vivi das melhores horas da minha vida.

Tive ocasião de ler nas férias o romance «Esteiros», de Soeiro Pereira Gomes, homem de princípios excelentes, pois, sendo somente empregado numa fábrica em Alhandra, quando aí morreu, todos choraram, todos cantaram a Portuguesa, todos depuseram no seu leito eterno ramos de flores. Prova esta, tão sublime, dos que se interessam pela humanidade.

No seu romance «Esteiros», vivi a vida dos rapazes dos telhais, o drama da sua vida, a vida de rapazes desamparados pela humanidade, rapazes que roubam para comer, porque os ricos da freguesia, não tinham uma côdea de pão, para lhes saciar o apetite.

Também do mesmo autor li «Refúgio Perdido», que é um conjunto de inéditos e esparsos, pois já se publicou depois da morte dele.

Li o livro todo com grande sofreguidão, mas sofreguidão essa que não cansava. Estava com o meu espírito concentrado naquele punhado de folhas, que devem encerrar dos maiores tesouros da literatura portuguesa.

Num conto do livro, duas passagens me conquistaram o espírito! Numa, Pastiore, o rapaz de quem o autor fala, por ser exímio ladrão de frutas (mas para comer), foi, depois de se ter perdido um lápis na escola, acusado de ladrão do mesmo. Logo, como resposta, ele não só deu ao falso acusador uns murros, como lhe disse que não tocava no que lhe não pertencia.

Doutra vez, vendo uma mulher que pedia, foi-lhe deitar ao regaço o conteúdo dos seus bolsos: uns tostões. Ela, comovida com o acto do rapaz, chamou-lhe «meu filho» e ele sorriu-lhe pasmado com o carinho que nunca conhecera.

Vede, meus rapazes, incitai-vos a vós próprios, pertencei a esta agremiação mundial — a literatura, para a qual Portugal tem contribuído com altos valores: Camões, príncipe dos poetas portugueses, Camilo e Eça, romancistas de alta envergadura, Almeida Garrett e Herculano, também romancistas sublimes, exímios poetas como Junqueiro, Antero de Quental, Augusto Gil, Teixeira de Pascoais, etc. Temos ultimamente Ferreira de Castro traduzido, acho, em dezoito línguas, Alves Redol, penúltimo vencedor do prémio Ricardo Malheiros com o seu romance «Horizonte Cerrado», etc.

E se reparades em todas as sublimes obras destes e muitos mais autores, só vedes, só viveis horas maravilhosas, ao ver a realidade encerrada naqueles inofensivos caracteres.

Associai-vos, pois, a esta agremiação, meus rapazes, pois Portugal precisa do vosso auxílio, para se enfrentar com o mundo literário.

António Guedes Soares Teles



## Aconteceu numa viagem

(Continuação da pag. 4)

— Senhor... aconteceu uma coisa horrível. Ju-ro-lhe que a culpa não foi minha. O seu amigo enlouqueceu-me de raiva... e eu... eu matei-o.

O interlocutor olhou-o com expressão trocista, e olhando em seguida para o amigo disse:

— Por causa de si, seu malandro, gastei mais cem escudos sem necessidade. Tive de alugar um carro para chegar aqui antes do comboio.

Pela espinha do senhor Marques passou um calafrio ao ouvir o seu companheiro de viagem pronunciar na sua voz rouca:

— Antes me tivesse levado consigo, em vez de me ter deixado viajar com este idiota.

— Está bem, meu amigo... venha comigo, vamos para outro compartimento. Assim ficara livre desse indesejável. E, encostando o outro ao seu braço, saiu com passos arrastados.

Estarrecido, o senhor Marques, caiu sobre o banco meio desfalecido.

.....

Na carruagem seguinte um famoso ventríloquo com cara de macaco falava com o seu boneco favorito, acerca de um gordo e idiota viajante...

Rodrigo Pizarro

## Anoitecer na aldeia

Tudo é harmonia, paz e quietude.  
Andam cantos lindos suspensos no ar;  
Das flores campesinas rescende um perfume  
Que nos enche a alma, nos leva a sonhar.

Nas árvores glaucas trinam passarinhos  
Trinados alegres de felicidade;  
Canta o riacho ledado nos seixos do rio,  
O arado é queto há calma na herdade.

Face encarquilhada, rugosas mãos  
Com os destros dedos fia uma velhinha  
Mas já poisa a roca (escasseia-lhe a luz)  
E afaga os cabelos loiros da netinha.

Do trabalho, lassos, juntam-se os humildes.  
Na rústica mesa é hora da ceia.  
Corre manso o rio, estão mansas as aves,  
Cai devagarinho a noite na aldeia.

Manuel Correia Dias

## Almeida Garrett

(Continuação da pag. 1)

Ai tumultuam em cachão e alastram por vezes em onda o amor materno e paterno, fidelidade e uma crença, sentimento religioso, patriotismo altivo, esperança... É que Garrett sabia-o; a finura do seu talento já tinha descoberto que para se ser dramaturgo, não basta saber gramática e sintaxe, forjar belas frases, ter talento e erudição. Para escrever para o homem e não para as traças é necessário que a alma seja uma antena ultra-sensível que capte toda a garra de ondas espirituais que se cruzam nos cosmes humanos. É necessário dizer e fazer sentir acerbamente ao espectador o que lhe andava no subsciente, nas penumbras do Eu. Ao foco do espírito de Garrett convergiam os múltiplos raios dispersos nas almas e na história; senti os problemas de que sangram e agonizam os melhores dos homens. Por isso Garrett escreveu obra imortal, e imortal será o seu nome na galeria das letras pátrias.

Maria Luísa Machado Passos

PAPELARIA ARAUJO

LIVRARIA — PAPELARIA — MATERIAL ESCOLAR — TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÃO

COMPLETO SORTIDO EM CANETAS



R. de Cedofeita, 227

PORTO

Flicitamo-nos pelo aparecimento de mais um jornal escolar nesta Cidade, *Ela*, por cujas prosperidades formulamos sinceros votos.



# Humorismo

Secção dirigida por:

CARLOS BROU, Santos, M. Fátima, Maria do Céu, Silva Pereira.

Um biógrafo de Abraão Lincoln conta que uma alta individualidade surpreendeu certa vez o Presidente dos E. U. a limpar as botas.

— Então o sr. Presidente é que engraxa as suas botas?

— É verdade. E o sr. engraxa as de quem?

=/=

— Estávamos perdidos. Não tínhamos alimentos. Acabara-se o vinho e o «whisky». Estávamos condenados a morrer de fome e de sede...

— Homem, mas não haveria um poço?

— Água? Naquelas terríveis horas quem pensava em lavar-se?

=/=

Era um homem tão distraído que, ao encontrar-se sentado na cama, com um pé descalço e outro calçado, não sabia se se ia deitar ou tinha acabado de levantar-se...

=/=

Barcos:

Chegam hoje: da Formosa, o paquete «Mete água mesmo a seco»; de Xabregas, com carregamento de limpa-chaminés, o navio-motor, «Não posso mais com o peso».

Partem hoje: para Colorau Doce, com escala por Vila Viçosa dos Canos, o paquete «No fundo do mar não tarda nada».

=/=

— Chefe, o senhor tem de me aumentar o ordenado. Há três companhias que não me largam...

— Três companhias?

— Sim: a da água, a dos telefones e a da electricidade.

=/=

Divórcio é a aplicação do bilhete de ida e volta no comboio do casamento.

=/=

— Sempre casas com a Etelvina, não?

— Não! Ela não me quis!

Mas tu não lhe falaste no tio milionário?

— Pois isso é que foi o mal. Agora é minha tia...

=/=

Um mariola foi confessar-se ao seu padre, a quem roubara uma galinha, sem este saber, e disse-lhe:

— Sr. padre, acusa-me a consciência de ter furtado uma galinha. Se o sr. a quer, eu dou-lha.

— Eu quero lá uma coisa roubada!

— Então o que faço de'a?

— Restitui-a ao dono.

— Já lha ofereci mas ele não a aceitou...

— Bem, nesse caso fique com ela.

=/=

Um professor de Oxford deixou escrito no quadro negro:

«Comunico aos meus alunos que fui nomeado médico de Sua Majestade, o Rei de Inglaterra».

Ao reentrar na aula encontrou debaixo da sua comunicação o seguinte: «God save the King» que significa: «Deus salve o rei».

=/=

Era um cão muito inteligente. Quando lhe diziam:—Vens ou não vens?—Ele vinha ou não vinha...

Carlos Brou

## Definições

A careca é a primeira parte do esqueleto que aparece.

Um limão é uma laranja com maus figados.

A harpa é a radiografia de um piano.

## Um sério problema

Que problema o daquele construtor!

Devia construir um edifício novo, no mesmo local onde havia um prédio velho, mas tinha ordens de não demolir o velho enquanto não construísse o novo.

## Quatro distraídos

Que distraído era aquele senhor! Acontece que certa vez beijou a esposa antes de sair de casa, e, mal chegou ao escritório, começou a brigar com o seu secretário.

Mas isto não é nada. Muito mais distraído era aquele outro senhor que tendo lido no jornal a notícia do seu próprio falecimento, enviou uma coroa a si mesmo.

Mas existe outro ainda muito pior. É aquele que esteve duas horas olhando-se num espelho e tratando de recordar onde havia visto antes aquela cara...

E que dizes daquele outro que, quando se estava a casar na igreja, em vez de colocar o anel no dedo da noiva, pegou-lhe no pulso e pediu que lhe mostrasse a língua?!...



# Quebra - cabeças

Secção dirigida por:  
LEÃO, César, Augusto, M. Júlia, M. Adriana.



Como os mais anos, queremos levar avante a nossa página do QUEBRA-CABEÇAS, e, por isso, pomos à disposição do jornal toda a boa vontade que temos. Continuem, pois, a responder às perguntas do QUEBRA-CABEÇAS sem hesitar, pois haverá em cada número um sorteado. As respostas acompanhadas do respectivo cupão devem ser dirigidas pelo correio a: José Leão — R. Nogueira Pinto, 201 — Leça da Palmeira, ou pessoalmente a qualquer um dos directores.

Portanto, todos a responder e boa sorte.

As perguntas deste número são:

1) **HIEROGLIFO COMPRIMIDO**

Mediterrâneo QQ de Ave 50

M. A.

2)

```

      L _ _ _ _ _
      I _ _ _ _ _
  _ _ _ _ _ S _ _ _
      _ _ _ _ _ B _ _
      _ _ _ _ _ O _ _ _ _ _
      _ _ _ _ _ A
    
```

Substituir os pontos por letras, de modo a formar nomes de cidades portuguesas.

C. A.

3) **PROVERBIO A ADIVINHAR**

F	D	P	S	N
2	1	2	2	2

M. A.

4) **CHARADA COMBINADA**

- ado — com asas
- go — carinhoso
- lia — nome de flor
- agem — lugar de recolha
- rato — fotografia
- amega — rio português

CONCEITO — Grande escritor português do século XIX.

J. L.

5) **PERGUNTAS A INTELIGÊNCIA**

- a) Qual dos dois é ôco: macarrão ou esparguete?
- b) Qual dos dois ponteiros do relógio fica mais próximo do mostrador.

MUITA ATENÇÃO: as respostas devem ser entregues no prazo de 10 dias a contar do de saído o jornal.

**SALA de ESTUDO**

**R. de Serpa Pinto, 73 - Tel. 43723 — PORTO**

**Modalidades de Ensino**

Estudo diário — 17,30 às 10,30 para o 1.º e 2.º ciclos e orientado por Prof. de especialidade.

Cursos de explicação de qualquer disciplina de ensino Liceal Técnico.

Estabelecimento de ensino particular — Curso de admissão aos Institutos. Nesta cidade, único no género.

**Atenção:** os nossos pequenos cursos resolvem o problema dos alunos do 3.º ciclo reprovados em algumas disciplinas e de todos os que queiram estudar mesmo fora da idade escolar.

**CUPÃO 1**